

Jardins de Cecília

Cecilia's Gardens

Solange Viaro Padilha*

Resumo: Cecília Meireles, poeta e educadora, percorreu o mundo observando os ensinamentos e a cultura dos povos. Suas viagens à Holanda (em 1951 e 1953), terra de bicicletas, jardins e canais, renderam-lhe crônicas de grande sensibilidade estética. Este artigo pretende analisar as crônicas da Holanda e o olhar estrangeiro de Cecília na sua viagem física e espiritual.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Cecília Meireles. Crônicas de viagem.

Abstract: Cecilia Meireles, poet and educator, has travelled around the world observing the teachings and the culture of different nations. Holland, land of bicycles, gardens and canals, inspired her to write chronicles of great aesthetic sensibility. This article intends to analyse the Holland chronicles and Cecilia's perception as a foreigner in the trips that were not only physical but also spiritual.

Key words: Brazilian Literature. Cecilia Meireles. Travelling chronicles.

Forrarei tua casa já tão antiga com um papel que imita as paredes de tijolo. Ficará tão lindo como se estivéssemos na Holanda.

Cecília Meireles¹

Introdução

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1901, Cecília Meireles teve uma infância de silêncio e solidão. Criada pela avó materna após a morte da mãe em 1904, a menina conviveu desde muito cedo com a perda, a transitoriedade da vida, a brevidade dos momentos. Em 1919, editou seu primeiro livro de poemas, *Espectro*. A partir de então, sua produção intelectual foi sempre intensa. Poeta e educadora, Cecília publicou poemas, ensaios, crônicas, artigos, livros didáticos, traduções; organizou a primeira biblioteca infantil do Rio de Janeiro; proferiu palestras sobre educação, folclore, cultura e literatura brasileiras, literatura comparada, literatura oriental.

* Mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela UFPR, professora adjunta de Teoria Literária das Faculdades Integradas Santa Cruz, solangeviaro@pop.com.br

¹ "Casa Antiga". Segundo Cora Rónai (Disponível em: <<http://www.almacarioca.com.br/cro189.htm>> Acesso em 14 fev. 2009), Cecília Meireles, sua madrinha, escreveu o poema "Casa antiga" em 1964, dedicando-o a Nora e Paulo Rónai.

Ao percorrer vários países, Cecília apresentou conferências, observou a história, o cotidiano, as cores e os ritmos intrínsecos às localidades visitadas. Viajou e absorveu as tintas da cor local, transmutando-as em palavras. Em *Crônicas de viagem*,² esse universo particular das viagens e da cultura de diferentes povos é registrado.

No intuito de explorar esse território de viagens apontando para a dimensão do seu alcance cultural e a sensibilidade estética do texto ceciliano, destacamos sua breve passagem pela Holanda, terra de bicicletas, jardins e canais.

Holanda

A viagem de Cecília à Holanda rendeu-lhe algumas crônicas e os *Doze Noturnos da Holanda*, conjunto de poemas que versam sobre os mistérios da noite, da vida e da morte.

No noturno “Dois”, o eu lírico confessa:

Abraçava-me à noite nítida,
à alta, à vasta noite estrangeira,
e aos seus ouvidos sucessivos murmurava:
“Não quero mais dormir, nunca mais, noite, esparsas
nuvens de estrelas sobre as planícies detidas,
sobre os sinuosos canais, balouçantes e frios,
sobre os parques inermes, onde a bruma e as folhas ruias
sentem chegar o outono e, reunidas, esperam
sua lei, sua sorte, como as pobres figuras humanas.”
(MEIRELES, 1986, p. 381)

Noite vasta em terras estrangeiras, bruma, ar gélido do outono, folhas que esperam a dissolução final... Insons e solitário, o eu lírico abraça-se à noite. Curiosamente, ao percorrer os *Doze Noturnos*, temos a impressão de que os

poemas foram realmente compostos nas longas noites de solidão.

² MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem*, 3v. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Da mesma forma que nos poemas compostos na Holanda, a narradora-autora das crônicas de viagem nos revela: “E vemos as ruas cheias de bicicletas, durante o dia; cheias de silêncio, à noite, e de solidão. E, muito longe, muito longe, como num sonho de criança, moinhos girando, carrilhões, barcos de pesca, vestidos policromos...” (CV, v2, p.87).³

Numa entrevista à *Manchete*, Cecília discorreu sobre sua infância: “Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão.” (MEIRELES, 1986, p. 59). Se “[...] o gênero da narrativa de viagem aparece como uma forma particular da autobiografia” (NITRINI, 1998, p.52), a Cecília viajante, insone, parece usufruir positivamente do silêncio e da solidão da noite para escrever e refletir sobre a condição humana:

O cenário holandês, especialmente Amsterdam, fascinou-a a ponto de, conforme os seus relatos, ter passado noites e noites sem dormir, numa espécie de vigília poética que resultaria em um novo livro, *Doze Noturnos da Holanda* – publicado em 1952 em conjunto com suas anotações lírico-metafísicas, viabilizadas pela disseminação das viagens aéreas, sobre a sensação do voo (O aeronauta). (GOUVÊA, 2001, p. 100).

Na crônica “Tico-tico em Amesterdão”, de fortes traços autobiográficos, a autora confessa que estava escrevendo para os amigos num final de tarde frio e chuvoso, e interrompeu o processo várias vezes para observar um pequeno raio de sol: “Tomei outro postal e comecei a datar: “Amesterdão... Comecei e parei. [...] Continuei a escrever o postal. Mas não era a mesma. Qualquer coisa nos modifica.” (CV, v2, p. 53-54). A cronista parte do registro de um fato concreto, ficcionalizando-o e imprimindo nele grande subjetividade. E nós, leitores, questionamos: Narrador, personagem ou autor? De quem é a voz que narra?

Cecília viajante

Por muito viajar, Cecília afirmava: “Quanto mais viajo, mais me torno antiturística.” (CV, v.3, p. 95). Considerava o turista um ser desapegado e descompromissado, que transita pela superfície das coisas, sem mergulhar

³ Todas as referências a *Crônicas de viagem* serão abreviadas como CV, seguidas do volume e do número da página.

naquilo que vê. Realizava viagens “[...] de trabalho, trabalho de investigação humana destinado a tornar possível a compreensão da vida”. (MEIRELES, 2001, p.101). Tomando-se por viajante, ser de velocidade mais lenta e olhar mais profundo, a poeta revela-se “[...] uma pessoa sem data e sem nome, na qual repercutem todos os nomes e datas que clamam por amor, compreensão, ressurreição”. (CV, v2, p. 104).

Cecília reflete sobre o real encanto das viagens, e afirma que este não se encontra apenas no conhecimento geográfico, nas compras ou paisagens inusitadas:

O que me parece o grande encanto das viagens é ir-se encontrar, num sítio distante, que nunca se freqüentou, de cuja existência nem se tinha notícia, alguma criatura que na véspera nem se conhecia, e, de repente, se descobre ser tão amiga como os amigos de infância, e tão para sempre como a nossa própria alma. Todos nós temos desses encontros, cada um segundo os seus méritos e a sua condição. (CV, v3, p. 251)

Outra grande qualidade das viagens é proporcionar o autoconhecimento, a descoberta do eu:

(E descobrimos, igualmente, a nossa condição e os nossos méritos, embora muitas vezes possamos chegar a duvidar da lógica de semelhantes privilégios.) Quem são esses que assim nos esperam à beira de rios onde tecem seus vimes ou talham seus barcos? (CV, v3, p. 251)

Visitar terras estrangeiras, entrar em contato com o outro, com seu *modus vivendi* e sua maneira de enxergar o mundo, leva a cronista a refletir sobre sua própria condição e sobre a condição da sua cidade, do seu país.

Ao regressar ao Brasil, Cecília compara a Heroica e Leal Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro a Amsterdã.

Numa cidade deve haver lugar para todas as coisas. Esse é o encanto de Amsterdã, surgida, realmente, do nada, da areia, – sem florestas, sem rochedos, sem horizontes. Ela guardou suas antigüidades, como arquivo precioso, e vai construindo o que lhe falta, sucessivamente. Cada século vai sendo aumentado, como na casca das árvores, em camada periférica. E o viajante pára extasiado, diante da sua ordem, da sua distinção, da sua harmonia. Uma cidade inteligente. Aí é que o forasteiro, vindo da cidade louca, dilata o peito num suspiro triste de recordação. E sofre por sentir perdida a beleza – tão copiosa, tão prodigiosa – da cidade em que nasceu. (CV, v2, p. 2-3)

E o visitante, diante de uma cidade que surgiu do nada, que foi projetada e construída pela mão do homem, é tomado de tristeza ao recordar sua cidade natal, cujos encantos naturais vêm sendo vilipendiados. A Amsterdã harmônica e inteligente, que guarda suas memórias e reverencia o passado, contrasta brutalmente com o Rio de Janeiro, cidade louca e triste, invadida por arranha-céus que escondem a linha do horizonte. E a Cecília viajante, forasteira em Amsterdã, sente-se ainda mais forasteira na cidade onde habita por saber que esta foi tomada por viventes que matam por matar, e que naquele que já foi seu *locus amoenus* não há mais a gente “[...] simples mas honrada. Pobre mas limpa de coração.” (CV, v2, p. 1)

Mapas aéreos

Vivendo em uma época em que as viagens eram facilitadas pelo transporte aéreo, a poeta descreve com lirismo os grandes mapas luminosos que via das alturas, afirmando que “[...] o vôo da máquina não prejudica o vôo do sonho”. (CV, v2, p. 142). E o voo onírico, espiritual, parece muitas vezes sobrepujar o voo físico, material. Gouveia (2007, p. 116) argumenta que o aproveitamento da paisagem aérea por Cecília no início da década de 50 é bastante inovador e confere uma aura de cosmopolitismo à sua obra.

Cecília escreve:

Rodaram as luzes do Schiphol, para que o avião descesse. O chão do aeroporto era suave, quase fofo, sob o peso da grande nave. No ar puro, brilhava uma estrela. Tudo parecia conhecido, esperado, afetuoso – por mais que os povos latinos descreiam das doçuras nórdicas. E desde o Schiphol comecei a amar a Holanda. O primeiro grande cartaz da Holanda é justamente o seu aeroporto. Pensar que, ainda outro dia, tudo aquilo esteve em ruínas – e agora funciona com disciplina exemplar, num ambiente fácil, eficiente, de elegância e de cortesia. (CV, v2, p. 143).

Ao mencionar diferentes povos (latinos e nórdicos), a autora revela tanto o cosmopolitismo que permeia sua obra quanto o caráter abrangente de sua capacidade de observação do mundo. Conhecer melhor o outro, sua cultura, seu modo de ser doce e gentil, desperta nela sua capacidade de amar. Admirase ainda pelo fato de que o aeroporto, anteriormente destruído pela guerra, já esteja operando de modo exemplar, com eficiência e cortesia, algo de extremo

valor nas viagens, especialmente quando se chega a um país desconhecido. E a poeta reafirma: “Desde o Schiphol comecei a amar a Holanda, antes de ver os canais, de conhecer as flores, de sentir a fisionomia das casas, de poder admirar seu povo.” (CV, v2, p. 143). Reconhecendo-se una e identificada com o outro, reconhecendo-se parte da mesma poeira cósmica, prossegue: “[...] estamos todos tão próximos, apesar dos meridianos e dos idiomas! E, no alto céu, a mesma estrela brilha para todos nós.” (CV, v2, p. 144).

Octavio Ianni (2000, p.13) argumenta:

Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza.

Em seus textos, especialmente na conclusão, Cecília enfatiza as ressonâncias, destaca o que é idêntico, aquilo que aproxima os homens, que universaliza.

Em “Entre o chão e o céu”, percebemos uma vez mais o gradativo processo de identificação com o estrangeiro. Da amplitude do cosmos, da imensidão de um mar a outro mar, o olhar de Cecília move-se em direção ao homem, “esta pequena coisa que somos”, e percebe que, mesmo com a grande diversidade dos idiomas, os anseios e inquietações são semelhantes:

E de um mar a outro mar, e ao longo de tantos rios diversos, através de tão longos tempos, esta pequena coisa que somos, – a criatura humana, – a caminhar, a trabalhar, a sofrer, a pensar, a resignar-se, a construir, a morrer, a sobreviver... E, entre idiomas que se vão diversificando, a presença constante dos mesmos sonhos, do mesmo esforço, de uma ansiedade comum de realizar suas inquietações tão grandes, nesse pequeno prazo que vai do nascimento à morte de um homem, ou do começo ao fim de um ciclo histórico. (CV, v2, p. 88).

Força poética

Com força poética, o texto de Cecília cumpre aquilo que Arrigucci apontou sobre a crônica moderna; o crônica cecilianiana parece, a uma só vez, “[...] penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de

um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos”. (ARRIGUCCI, 1985 p. 44-45).

Cecília percorreu continentes, países e cidades “[...] com um frescor de impressões e um raro discernimento antropológico na percepção de outras culturas”. (BOSI, *apud* GOUVÊA, 2007, p. 20). Em “Amor correspondido”, Cecília descreve um realejo que parara sob sua janela, tocando “a música da eterna infância”. Repentinamente, um clarão ilumina o texto: “E de todas as janelas começou a chover, sobre essa música, um turbilhão de moedinhas de prata, que brilhavam ao sol como escamas ao vento.” (CV, v2, p. 146). A autora explora a cena, levando o leitor a saborear um relevante aspecto cultural, um recorte da realidade holandesa.

Estudiosa do folclore e da alma humana, Cecília bebeu da cultura dos povos, sua história e geografia, transformando a experiência sensorial em experiência poética, criando textos de descrição e contemplação. Darcy Damasceno (*apud* MEIRELES, 1986, p. 19) afirma:

O conjunto de seres e coisas que latejam, crescem, brilham, gravitam, se multiplicam e morrem, num constante fluir, perecer ou renovar-se, e, impressionando-nos os sentidos, configuram a realidade física, é gozosamente apreendido por Cecília Meireles, que vê no espetáculo do mundo algo digno de contemplação – de amor, portanto.

E digna de contemplação parece ser a terra que a cronista está prestes a visitar, o solo que pisará em instantes. Cecília mostra grande respeito e admiração pela saga dos homens que edificaram a cidade como quem constrói castelos de sonho: “Mas o aeroporto cintila. E a noite é pura e fria. Pisamos o chão da Holanda, este chão que os homens construíram, que tiraram do mar, como numa história encantada. (CV, v2, p. 88).

Partindo de um ato de observação do cotidiano, princípio de toda crônica, Cecília ultrapassa os limites da descrição e deixa sua marca pessoal ao realçar o sabor dos objetos, paisagens, moinhos, bicicletas, canais. Afinal, ainda nas palavras de Damasceno (*apud* MEIRELES, 1986, p. 19),

Inventariar as coisas, descrevê-las, nomeá-las, realçar-lhes as linhas, a cor, distingui-las em gamas olfativas, auditivas, tácteis, saber-lhes o gosto específico, eis a tarefa para a qual adentra e afina os sentidos, penhorando ao real sua fidelidade.

As crônicas de Cecília, carregadas de lirismo e musicalidade, revelam seu lado poeta: “... a luz da Holanda é uma luz para pintores...” (CV, v2, p. 30). Sinestesia e aliteração imperam radiosas no trecho: “Luz bela que faz avultarem as fachadas seculares, que rodeia de glória os parques suntuosos, onde as árvores vestem sussurrantes ventos.” (CV, v2, p. 148).

Se o cronista é aquele que subverte a ordem das coisas, vê belezas insuspeitadas e, nas palavras de Luiz Roncari (1985, p. 14), é “[...] alguém capaz de observar e julgar o movimento, a mudança, e alertar para o que tem de extraordinário o que parece corriqueiro, sólido e estabelecido”, Cecília cumpre seu papel. Com rara capacidade de apreensão e expressão poética, a cronista personifica, capta o imperceptível, relê a natureza e dá nova ordem e nova vida a essas “árvores [que] vestem sussurrantes ventos”.

Flor - poema - aquarela

Num texto de Mário Quintana (1995, p. 110), lê-se:

Ah, essas pequenas coisas, tão quotidianas, tão prosaicas às vezes, de que se compõe meticulosamente a tessitura de um poema... talvez a poesia não passe de um gênero de crônica, apenas: uma espécie de crônica da eternidade.

Emprestamos as palavras de Quintana, subvertendo-as ligeiramente para descrever as crônicas de Cecília que, a nosso ver, ‘talvez não passem de um gênero de poesia, apenas: uma espécie de poesia da efemeridade’. Observamos que o registro dos fatos concretos aparentemente dilui-se na textura de sua escrita, rica em metáforas. Sua pena transforma-se em pincel, e a artista pinta quadros, aquarelas de nuances variadas: “Todos já viram os barcos transbordantes de flores, à beira dos canais; as nuvens de bicicletas que passam, resplandecentes como um fogo de artifício, pelas ruas cinzentas, impecavelmente limpas.” (CV, v2, p. 30)

E a artista prossegue, comparando a perfeição da flor à realização de um poema, um quadro, uma escultura:

Um dia, a flor se desenrola, e os olhos dos cultivadores estão sobre aquele segredo como sobre um tesouro fechado. Depois, é o esplendor de uns poucos dias: a felicidade de ter conseguido uma realização

idêntica à de um poema, de um quadro, de uma estátua. Eis a flor na sua perfeição! (CV, v2, p. 30)

Uma vez mais, percebemos o sentimento do fugidio, a constatação da transitoriedade das coisas:

Apenas, ai de nós! – a vida é breve, e mais breve a das tulipas, crisântemos, rosas, jacintos que vamos encontrando, parados na sua silenciosa beleza efêmera. Tudo isto é apenas um instante. Brilho, viço, vigor, tudo se inclina para a morte; e então, os jardins se fecham, e quem passa de uma cidade para outra vê, depois dos esplêndidos tapetes de vivas cores, as flores murchas amontoadas em barcos, pelos pequenos canais; as flores que regressam à terra profunda, para o nascimento de outras primaveras... (CV, v2, p. 30)

Em Cecília, são recorrentes os temas da busca do eterno no transitório e da necessidade do equilíbrio entre os pares antitéticos, vida e morte. O “regresso à terra profunda” simboliza a grande inquietação metafísica do ser humano, a busca do sagrado, da essência. No livro de poemas intitulado *Cânticos*,⁴ com publicação póstuma, lemos: “Quererás esta morte, / Sentindo-a maior que a vida.” (Cânticos, XVI). Ou ainda: “Sê a árvore que floresce / Que frutifica / E se dispersa no chão. / Deixa os famintos despojarem-te. / Nos teus ramos serenos / Há florações eternas.” (Cânticos, XX).

As inquietações de Cecília revelam-se uma vez mais em “Onde estamos?”, crônica de cunho metafórico que discute a frieza e impessoalidade dos mapas em oposição ao calor do contato humano e da palavra viva. Cecília relata um incidente ocorrido na Holanda, quando pediu informações a três velhinhas que conversavam animadamente. As respostas foram divergentes; elas pareciam discordar quanto ao caminho a ser tomado para se chegar a determinado local. Discutiam em inglês e holandês, mas não chegavam a um acordo. A autora conclui o texto dizendo que as velhinhas “Só não sabiam onde estavam, nem de onde vinham nem para onde iam, como nós, como todos nós...” (CV, v2, p. 37)

Cecília amplia o significado do acontecido; apropria-se de um fato aparentemente corriqueiro, requisito básico da crônica, e faz uma reflexão maior sobre o sentido da vida, sobre onde estamos, de onde viemos, para onde vamos. Afinal, em seu exercício filosófico e ficcional, “[...] as crônicas

⁴ MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 1982.

cecilianas sustentam uma feição espiritualista, de indagação metafísica sobre o sentido do ser, da vida, etc.”. (DUCATI, 1999, p. 3).

Outros contrastes são explorados, como a surpresa da narradora-autora ao se deparar com uma peça de carne exposta ao lado de um vaso de flores:

Não posso esquecer também as flores extraordinárias da Holanda, de cores imprevistas, de inesperado tamanho, e que estão sempre às janelas, sob o ângulo das cortinas cruzadas, como estão até nas repartições públicas e em certas vitrinas, compondo quadros surpreendentes: quem pode esperar que um açougueiro exponha uma peça de carne colocando-a, com grande sensibilidade artística, ao lado de um vaso de flores revoltas, que logo nos fazem pensar em Van Gogh? Na Holanda, como no Oriente, há quem saiba verdadeiramente amar as flores. (CV, v3, p. 283).

A sensibilidade do açougueiro parece não se encaixar com a leitura de mundo de Cecília: “Quem pode esperar...?” A cena parece revelar à cronista algo até então por ela desconhecido; é como se ela se surpreendesse ao admitir que jamais pensara na possibilidade da coexistência da beleza (flores) e da crueldade (carne). Cecília absorve algo do universo do outro, ampliando o conhecimento de si mesma. O ocorrido parece induzi-la a abandonar uma perspectiva limitada. O inusitado da cena é tão marcante que a autora refere-se a ele em dois momentos distintos: em 1953, no texto “Holanda em flor”, e em 1964, já no Brasil, no texto intitulado “Jardins”. Percebemos, portanto, que 11 anos se haviam passado e o “quadro” estava lá, presente na memória da escritora.

O destino das flores

Com grande acuidade narrativa e pictórica, a autora fala de suas andanças e dos muitos jardins visitados. As memórias dos jardins da Holanda e de diferentes continentes habitam a poeta; para ela, a contemplação das flores traz “alegrias imortais”:

E não moram apenas nos olhos tais alegrias, mas na memória profunda, de onde às vezes assomam, com a cor, o perfume, a graça que lhes pertenceram. A sensação de beleza, o sentimento de perfeição que residem na harmoniosa arquitetura das flores são lições para a vida humana. Pudéssemos ser também assim, tão exatos como as flores em

suas pétalas, tão silenciosos na realização de um destino impecável, e tão prontos para morrer no momento justo! (CV, v3, p. 284).

Se o destino impecável das flores é a viagem, o regresso à terra profunda para gestar os botões que explodirão em cores na primavera seguinte, na visão da cronista talvez devêssemos trilhar o mesmo destino das flores, entendendo que a grande viagem de dissolução faz parte da arquitetura da vida.

Se as flores e as viagens são “lições para a vida humana”, os jardins de Cecília, seus textos, crônicas e poemas também o são. Afinal, ler Cecília não é simples turismo; é, nas suas próprias palavras, uma viagem de aprendizado, dessas “[...] viagens, silenciosas, que são por si mesmas, e pelos seus resultados, um glorioso ensinamento”. (MEIRELES, 2001, v5, p. 101).

Referências

- ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmentos sobre a crônica. **Boletim Bibliográfico**. BMA. São Paulo. v. 46, n. ¼, p.43-53, jan./dez. 1985.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Cecília Meireles: imagens femininas. **Cad. Pagu**, n.27, Campinas, July/Dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332006000200013&script=sci_arttext&tlng=entarget=_blank>. Acesso: 03 mar. 09.
- DAMASCENO, Darcy. Poesia do sensível e do imaginário. In MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- DUCATI, Cássia. **Imaginário indiano nas crônicas de viagem de Cecília Meireles**. Disponível em: <http://www.geocities.com/ail_br/imaginarioindianonascronicas.html>. Acesso: 31 jan. 2009.
- GOUVÊA, Leila V. B. **Cecília em Portugal**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- GOUVEIA, Margarida Maia. As viagens de Cecília Meireles. In GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007.
- GRAIEB, Carlos. **Pena versátil**. Disponível em: <veja.abril.com.br/170698/imagens/livros2.jpg>. Acesso: 15 out. 2008.
- IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MEIRELES, Cecília. **Cânticos**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 1982.
- _____. **Crônicas de educação**, 5. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001.
- _____. **Crônicas de viagem**, 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

Solange Viaro Padilha

NITRINI, Sandra. **Viagens reais, viagens literárias**: escritores brasileiros na França. In Literatura e Sociedade. Depto. de Teoria Literária e Literatura Comparada / FFLCH / USP. n.3. São Paulo: 1998.

QUINTANA, Mário. **80 anos de poesia**. 4. ed. Organização Tânia Franco Carvalhal. São Paulo: Globo, 1995.

RÓNAI, Cora. **O caso do poema roubado**. Disponível em: <<http://www.almacarioca.com.br/cro189.htm>>. Acesso: 14 fev. 2009.

RONCARI, Luiz. A crônica: teoria e história do gênero. **Boletim Bibliográfico**. BMA. São Paulo. v. 46, n. ¼, p.9-16, jan./dez. 1985.

Recebido para publicação em 18 jun.2009

Aceito para publicação em 08 dez. 2009